

Copa em movimento – sociabilidade de ajuntamento e produção imagética de cotidianos ritualizados

Luiz Henrique de Toledo
ABA, Belo Horizonte, 2024

Antecedentes

Copa em movimento foi uma sugestão de pesquisa que surgiu muito pontualmente, incensada pelo acaso e oportunismo etnográfico, quando no dia 8 de novembro de 2022, ao fazer uso do Terminal Rodoviário do Tietê em São Paulo, chamou especial atenção uma discreta movimentação na decoração do piso superior, que passaria a ambientar o clima do torneio futebolístico que se aproximava. Fazendo parte dessa intervenção foi remodelado um espaço específico, até então ermo, lateralizado e de pouca circulação, que passou a receber as agitações dos usuários da rodoviária em torno de um telão e alguns chamarizes alusivos à condição torcedora.

O recorte empírico desprezioso e circunscrito às atenções vicárias prestadas ao burburinho citadino em ano de Copa do mundo de futebol masculino e de espetáculo fez daquele equipamento um ponto de partida que acabou demandando por um exercício mais alargado de observação para além de uma episódica “etnografia de domingo”¹. Pensando a noção de movimento em vários planos como princípio ordenador da vida cotidiana, as impressões do país que produz ajuntamentos numa efervescência coletiva (Durkheim, 1989[1912]) em Copas do mundo estão alinhavadas à ideia do futebol como esporte-nação. Imagem que por muitas décadas foi creditada a essa modalidade esportiva no Brasil.

Daquele vislumbre na rodoviária encadeou-se uma teia etnográfica por sobre uma tríade de eventos que se revelou quiasmática. Quiasma é a analogia que busca aproximar, mas sobretudo permutar elementos simbólicos contextuais. Serve para pensar a respeito dos efeitos relativizadores imagéticos em torno das representações do esporte-nação. Um

¹ Aproprio livremente dessa expressão discutida por Valentini a respeito da dinâmica de trabalho da Sociedade de Etnologia e Folclore (SEF), de curto período em atividade (1937-1939), mas de significativo impacto no que viria a se constituir a pesquisa antropológica brasileira, sobretudo por congregar experimentos de pesquisa sob os auspícios de Mario de Andrade, Dina Dreyfuss e Claude Lévi-Strauss. Pondera a autora a respeito de etnografias *at home* e de curta duração que “A proximidade da capital e a consequente facilidade de conciliação da etnografia com outras tarefas cotidianas eram, como recordou Lévi-Strauss [em *Tristes Trópicos*, 1955] (...), condicionantes dessa prática que ele chamou “etnografias de domingo” (Valentini, 2009: 46).

gesto ou evento quiasmático, coletivo ou individual que seja, pode ganhar ou levar contextualmente às apropriações de símbolos convencionalizantes na direção de sentidos inovadores ou criativos, remetaforizando elementos manipulados num determinado contexto. Quiasma favorece que tais símbolos joguem uns com os outros ou uns a partir dos outros, ou ainda uns contra os outros, projetando novas imagens e sentidos relacionais.

No plano de uma apreensão cotidiana esses quiasmas são favorecidos e estimulados por rasuras deixadas pela “sociabilidade de ajuntamento”, associando a exposição criativa dos atores em espaços convertidos em eventos rituais (uma rodoviária que se transforma em “estádio”, uma avenida que se transforma em palco de manifestações políticas ou uma cidade inteira que se coloca à disposição de um ritual mortuário).

Sociabilidade de ajuntamento é outra noção que ainda carece de desenvolvimento, mas pode se aproximar de uma ideia clássica sugerida por Gabriel Tarde ao definir um fenômeno não pelas propriedades que levariam a reconhecê-lo como totalidade *a priori*, mas pela multiplicidade que a ele se acomoda numa imagem vertiginosa de identidade fugidia. Ou seja, é tentar perceber que um fenômeno pode ser resultante de milhares de pequenos gestos comunicativos entre si, levando a outra ideia celebrada pelo autor, a de que a vida se processa numa dinâmica infinitesimal de acontecimentos (Tarde, 2003[1893]).

Ajuntamento é noção que pode ser abrigada na definição lacônica proposta por Latour a respeito de *social* como associação de coisas que não precisam ser consideradas sociais em si mesmas justamente por se tratar de elementos heterogêneos que precisam ser reunidos em uma dada circunstância (Latour, 2012:23). Ajuntamento pode ainda se socorrer das provocações feitas por Roy Wagner, que anteriormente a Latour propôs uma definição de *contexto*: “Os elementos de um contexto convencionalmente reconhecido parecem se pertencer mutuamente, assim como elefantes, lonas, palhaços e acrobatas ‘pertencem’ a um circo” (Wagner 2010[1975]:78). Acrescenta-se a essa definição que “qualquer elemento simbólico pode ser envolvido em vários contextos” (idem, ibidem), motivando a assunção de significados tomados ilusoriamente, ou inventivamente, por primários em cada contexto enunciado. Seja social, no sentido latouriano, ou contextual no wagneriano, ajuntamento pode contribuir para tomar a própria cidade como espaço de experiências improvisadas e performáticas abrigadas sob os auspícios da dinâmica cotidiana.

O projeto Copa em movimento observou três desses eventos de sociabilidade de ajuntamento. A saber e como sequências temporais quiasmáticas (justapostas) as feéricas eleições presidenciais ocorridas em 2022, a 22ª edição da Copa do mundo de futebol masculino e de espetáculo, e um terceiro acontecimento funesto, os funerais do mais representativo futebolista que serviu à seleção brasileira, Pelé, velado na cidade de Santos.

São três eventos transversais que se aproximaram e se distanciaram nesse sentido quiasmático de empréstimo e circulação de símbolos em formas especializadas, corporalizadas e atravessadas por emoções torcedoras. Nesse sentido, pudemos observar a esportivização das eleições presidenciais, novas e velhas expressões ideologizadas a amparar a fruição da Copa do mundo e a politização e despolitização dos funerais de Pelé.

Esses três momentos oferecem alguns paradigmas indiciários etnográficos do ponto de vista imagético e das relações insuspeitas entre espaço público, política como sistema cultural convencionalizante e o torcer como mecanismo expressivo ou gramática que performa distintas sociabilidades de ajuntamento.

Essa sociabilidade de ajuntamento revela situações relacionais em que as negociações de signos e equívocos semânticos entre planos simbólicos díspares entram no cálculo das disputas de senso comum por significados aparentemente óbvios, mas que transformam simbolizações convencionalizadas, tais como a mera adesão ao selecionado nacional, em experiências altamente relativizadas em significantes flutuantes e/ou diferenciantes. Percepções de uma litigiosa cidadania ou cidadinidade também podem ser discutidas a partir dessas formas analógicas de apropriação esportificada da cena política nacional e dos espaços públicos na contemporaneidade.

As práticas torcedoras cotidianas capturadas no fluxo do meio urbano possibilitam diálogos entre conceitos e imagens pensadas não apenas como informações suplementares umas das outras nos jogos de significados, mas como signos quiasmáticos, que ativam jogos de equívocos (Viveiros de Castro, 2018). As cores usuais que revestem um *nacionalismo torcedor* exibidas no cotidiano serviram tanto aos propósitos do embate semiológico entre ideologias litigantes, que elevaram o clímax político competitivo ao longo do segundo semestre de 2022, quanto colocaram à prova os afetos torcedores dispensados à seleção brasileira em contexto de turbulências do nacionalismo.

Os quiasmas ou cruzamentos se deram no embate silencioso de signos pela paisagem urbana. Uma camisa ou bandeira, ostentadas em contextos esportivo ou político, borraram tais fronteiras ao serem usadas no cotidiano, dando margens às novas equívocos contextuais e releituras comunicativas. A expressividade de uma simples

camisa ou objeto em alusão ao futebol ou à política hipercontextualizados em domínios de pertença ritualística se transformam em símbolos ambigüizados nos ajuntamentos muitas vezes ocasionais pelo cotidiano.

1. Rodoviária do Tietê: nação cotidianizada

1.1 Montando e remontando uma nação

Popularmente conhecido por Rodoviária de São Paulo, o terminal Tietê está situado paralelamente à via expressa marginal de mesmo nome. Ela fica defronte, separada pelo rio que empresta nome a todas essas coisas, do estádio de futebol de um clube tradicional da capital, a Associação Portuguesa de Desportos.

O andar que permite o acesso à compra de passagens e que serve de espera pelo embarque é interligado à estação Tietê-Portuguesa da linha azul do metrô. De intensa circulação diuturna encontram-se nele dezenas de guichês de companhias de transporte rodoviário, que convivem com muitos outros serviços subsidiários, tais como restaurantes, cafés, livraria e revistaria, lojas de vestuário, bijouterias e souvenirs diversos, e até uma franquia da loja Nação, que comercializa produtos do clube mais popular do Brasil, o carioca CR Flamengo. A presença dessa franquia atesta o espraiamento das regiões do país acolhidas por esse equipamento urbano, notadamente o Sudeste e o Nordeste, regiões de maior concentração de torcedores flamenguistas.

Percebi na manhã do dia 8 de novembro de 2022, naquele canto cujas paredes ostentam grandes janelas, nos conduzindo por um tropismo até a iluminação natural que adentra o interior daquela porção do prédio, 14 formas triangulares em pano suspensas e esticadas, sobrepostas como formando um tecido em escamas, perceptivelmente leves, maleáveis e translúcidas, cada uma com as cores da bandeira nacional.

Esses triângulos coloridos ainda foram multiplicados, mas separadamente uns dos outros, dispersos pelos demais espaços do amplo salão que toma todo andar superior da rodoviária. Os painéis triangulares reunidos de maneira sobreposta formavam um mosaico em óbvia referência às formas geométricas mais comportadas que compõe a bandeira, mas também favoreciam algum movimento, mimetizando a dinâmica de interações que ocupa todo o espaço da rodoviária.



Figura 1. Torcedor tentando se ajeitar e se acomodar no piso da Rodoviária Tietê para uma melhor posição e visão do telão. Seus gestos acapoeirados e gingados testam o imaginário convencionalizante do etnógrafo ao evocar representações culturalistas a respeito do Brasil. (Foto: Luiz Henrique de Toledo)

Esses painéis triangulados dispostos separadamente, econômicos em sua concepção, foram também espalhados por toda a rodoviária, produzindo referências mais indiretas à copa, integrados ao conjunto de informações suspensas, que, em demasia, caracterizam esse tipo de equipamento urbano. Para quebrar a sutileza referencial desses triângulos coloridos, dispostos por todo salão do primeiro andar e situados acima do burburinho e fluxo de usuários que se movem pelas alamedas da rodoviária, foram dependurados estrategicamente estandartes em verde e amarelo, suspensos em grandes espaços, contrastando com a proposta estética dos painéis.

Estandartes marcavam uma presença mais direta na tentativa de capturar aqueles usuários menos atentos à fragmentação das cores nos discretos painéis de triângulos, que pareciam produzir bem menos impacto do ponto de vista das referências ao *nacionalismo esportivo*.

É igualmente banal dizer que com a proximidade de uma copa do mundo os espaços urbanos tornam-se saturados de signos alusivos ao megaevento, seja da parte do poder público, seja das iniciativas corporativas privadas e midiáticas de todo porte, seja, por fim, na presença ostensiva e entusiasta de pessoas paramentadas pelas ruas, o que confere um sintoma de espontaneidade que entra no cálculo de um nacionalismo brejeiro e tomado por autêntico. São marcas de uma nacionalidade torcedora induzida e despertada sazonalmente em ciclos de quatro em quatro anos. E tudo tende a estimular uma sociabilidade lúdica negociada com o cotidiano, sobretudo em dias em que a seleção brasileira joga.

Somado aos painéis feitos de panos triangulares sobrepostos, ainda um tanto soltos na paisagem no dia daquela primeira observação, era apenas início de novembro, o que se viu nas semanas subsequentes foi a incorporação de outros elementos que passaram a dar mais sentido contextual aos significados daquele mosaico.

Essa distribuição fragmentada e diria silenciosa das cores da bandeira, dispersas nos espaços da rodoviária, evocavam uma cisão que não atendia plenamente aos propósitos de totalidade, exigência que qualifica qualquer aderência simbólica aos significados e metáforas do nacionalismo em tempos de Copa. E o acréscimo daqueles estandartes em verde e amarelo, dependurados muito acima do resto da decoração, claramente contrastavam com a atmosfera dos painéis mais translúcidos, o que tornou aquela ambientação interna da rodoviária uma espécie de versão das arquiteturas majestáticas presentes em espaços tanto religiosos quanto políticos.

Finalmente foi instalado um painel rígido informando, afinal, do que se tratava, sobretudo acompanhado da instalação de um telão. Ali se poderia assistir aos jogos da Copa. E com a proximidade do megaevento o acréscimo de um pequeno tapete decorativo verde e almofadões coloridos defronte ao telão quebraram a insipidez dos assentos que se distribuem pela rodoviária. As imediações do telão foram resguardadas por um gradil e funcionários zelosos da mantenedora da Rodoviária, fazendo daquele espaço objeto da curiosidade e contemplação cotidiana. Aquele arranjo ganhava um aspecto asséptico, inaugurando um vazio ordenado contrastado à densidade e agitação do entorno, evocando uma sensação de algo solene diante da movimentação cotidiana um tanto desarrumada do lugar.

A vigilância evitava que o espaço no entorno do telão se transformasse em mais um lugar de acomodação destinado àqueles usuários que por horas aguardam pelo transporte, situação só revertida em dias de jogos, quando o gradil retirado 10 minutos antes de cada partida permitia que o espaço fosse rapidamente invadido por viajantes-torcedores à procura do maior conforto proporcionado pelos almofadões espalhados no chão.

As observações na Rodoviária, que se arrastaram por alguns jogos e alimentaram micro etnografias, serviu como um espaço para medir a temperatura do engajamento popular à Copa. Por ser um espaço privado e vigiado permitiu que o nacionalismo via futebol, ou nacionalismo esportivo ganhasse um refúgio. Fora dela, entretanto, as ruas da cidade seriam paulatinamente rasuradas por um outro megaevento que também se avizinhava e a ela se misturava, as eleições para presidente da república.

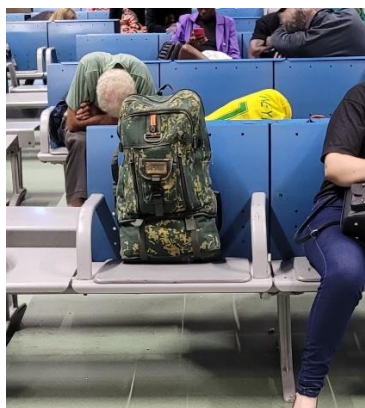


Figura 2. Torcedor vestindo Neymar se entrega ao sono no tempo de espera. **Figura 3.** Da agitação à expectativa pelo jogo. (Foto: Luiz Henrique de Toledo)

2. A Copa de 2022²

2.1 futebol e política

As Copas de 1970, 1974 e 1978 são exemplos paradigmáticos por onde escoou a discussão a respeito do caráter nacional posto à prova nas relações entre futebol e política (Rufino dos Santos, 1978). Muito se debateu no âmbito dos intelectuais acadêmicos, jornalistas e literatos (Antunes, 2004; Buarque de Hollanda, 2004; Marques, 2012), mas sobretudo no interior militante de frações do campo ideológico mais à esquerda, se a manifestação do torcer não acabaria sinalizando um gesto de alienação frente o ufanismo promovido pela ditadura, que usurpava a seleção para fomentar seu projeto nacionalista. De lá para cá, muitas interpretações se colocaram criticamente no sentido de bloquear os efeitos mais mecanicistas da tese do futebol como “ópio do povo”.

Nesse movimento posterior, abarcando as copas subsequentes (1982; 1986 em diante) diluiu-se essa controversa no meio acadêmico (nunca completamente no senso comum) possivelmente em função de novas perspectivas, destacadamente a antropológica, que focou as multirrecepções populares do futebol (DaMatta *et al*, 1982; Leite Lopes, 1994; Guedes, 1997) para além das disputas ideológicas mais restritas aos setores ou campos intelectualizados.

² Esta seção é uma versão do capítulo 4 do livro *Pelos domínios do jogo. Olhar, jogar, torcer*, de Luiz Henrique de Toledo e Carlos Eduardo Costa, em preparação para o Selo Ludopédio.

De todo modo, essa discussão sobre qual o lugar do torcer para a seleção brasileira na conta do nacionalismo despertou com maior ou menor ênfase, como interesse central ou lateral, uma bibliografia espalhada e diversa (Florenzano, 1998 e 2019; Antunes, 2004; Buarque de Hollanda, 2004; Guedes & Gastaldo, 2006; Franco Junior, 2007; Toledo, 2012; Souza, 2018; Oliveira, 2021; Guedes & Silva, 2022).

É relevante para o recorte desse ensaio levar em conta o argumento circunscrito por Guedes e Silva (2022), apontando que “1970 foi um marco, pois, a partir do transbordamento do orgulho nacional com o tricampeonato mundial de futebol, em plena Ditadura Militar, desafiava as rígidas regras de exposição e uso dos símbolos nacionais. Começavam a surgir as bandeiras improvisadas, ao passo que a indústria pouco a pouco providenciava camisas e todo tipo de artefatos (sandálias, cangas, bandanas, guarda-sóis etc.), que seriam usados durante as Copas do Mundo FIFA de futebol masculino, e até em outros momentos” (Guedes & Silva, 2022:184).

Alguns outros autores associaram criativamente futebol e política. O já citado antropólogo argentino Eduardo Archetti produziu uma imagem relevante, a de que o futebol seria uma “zona livre” (Archetti, 2003) por onde escoariam o exercício de muitos poderes, de corpos políticos institucionalizados às políticas do corpo e da corporalidade popular (Toledo, 2012). Há ainda uma outra imagem muito interessante, que retoma a rechaçada metáfora do futebol como “ópio do povo”.

Nela, o engajamento torcedor não seria produto compulsório das mazelas econômicas de um “povo” incauto e sem discernimento político, mas a institucionalidade do futebol que passaria a ocupar o lugar central de produção de poder em larga escala, anunciando o futebol como um “ópio do poder”, que arrebataria todos aqueles que se cercam dele independentemente da classe social. Essa função narcotizante ou arrebatamento do futebol como via para o poder passaria por diversas formas de agenciamento.

Essa imagem-conceito ou sugestão, “futebol é o ópio do poder”, originalmente cunhada pelo antropólogo José Paulo Florenzano³, libera um conjunto importante de interpretações, que passam a oferecer novas escalas para se reintroduzir o tema do *nacionalismo* como mediação entre as esferas do futebol e da política. Nesse sentido, não

³ Essa ideia foi aventada pelo professor José Paulo Florenzano num evento acadêmico, a quem deixo meus sinceros agradecimentos por ter autorizado usar a expressão nesse ensaio.

se pode estancar as relações entre adesão, pertencimentos clubísticos, ideologias, paixões e vocações (Toledo, 2012:125; Florenzano, 2019).

Se tomarmos juntas as duas expressões, “futebol é o ópio do povo” e “futebol é o ópio do poder” elas ilustram o movimento de um quiasma entre seus termos. A brincadeira séria entre frases anafóricas (que repetem partes de si) sugeridas pelo antropólogo constitui uma imagem quiasmática entre “futebol e povo” e “futebol e poder”.

A insinuação de que futebol anestesiará a percepção popular a respeito das relações de poder na primeira frase se inverte na segunda revelando que o futebol estimula toda e qualquer forma ou expressão de poder. A relação entre as duas frases revela ainda uma função ergativa (Wagner, 2011) em relação à palavra “futebol”. Digamos que mais, enfraquecida na primeira frase, afinal o futebol nesse caso seria apenas um passatempo de gente inculta e alienada se converter na segunda frase num poderoso e sério operador de relações transversais de poder.

2.3 De volta ao ópio do povo

Em 2022, uma restrita, mas não menos expressiva e ativista extrema direita, que ascendera formalmente ao poder desde 2018 com a eleição de Jair Bolsonaro, exumou ao seu modo a expressão do futebol senão como alienante, ao menos como fenômeno problemático do ponto de vista da conjuntura de suspeição política alimentada por essa direita na sequência pós-eleitoral, que se estenderia da copa do mundo à posse do então candidato vencedor, de posição mais à esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, culminando nos eventos de teor golpista que atingiram seu ápice em 8 de janeiro.

O fato é que a tese do ópio do povo, formulação estereotipada alimentada por um marxismo vulgar e obviada pela direita nos anos 70, ressurgia numa torção ideológica na relação e embate com o campo da esquerda, essa historicamente relacionada à dita tese da alienação nacionalista futebolista.

Com a derrota eleitoral, frações mais extremistas dessa direita, aninhadas nos acampamentos em frente aos quartéis e à espera de uma intervenção das forças armadas, contestariam parte dos signos de mobilização política que num momento anterior haviam servido de arrimo estético do bolsonarismo.

O incontestável verde-amarelismo da campanha de 2018, plasmado sobretudo na camisa amarela da seleção brasileira, que ascendeu à escala de participação popular de massa, seria em parte contestado em círculos mais restritos, porém ruidosos de militantes devotos ao golpismo no transcurso da copa que se seguia à derrota do bolsonarismo nas urnas.

No transcurso dos jogos no Qatar matérias jornalísticas chamaram atenção para algumas reações esporádicas em relação aos usos de algumas indumentárias, focando o campo dos patriotas que se encontravam “aquartelados” nas unidades militares.

“Usar roupas escuras e bandeiras do Brasil. Nada de usar símbolo da CBF”, dizia uma das mensagens compartilhadas por meio do WhatsApp e divulgada pelo portal *UOL*. “Não estamos comemorando! Estamos protestando! No país do futebol, nossa batalha ganha de 10 a 0”. Estas foram recomendações entre alguns daqueles que estiveram na linha de frente dos atos antidemocráticos contestatórios dos resultados das urnas no pleito de 2022 ⁴. Ou ainda: “Não queremos ser confundidos com torcedores da seleção, eles desistem muito fácil quando a seleção perde”; “Ser patriota não é só vestir a camisa da seleção brasileira. Até estrangeiros torcedores usam. Ser patriota é ser solidário, sem egoísmo e desprovido da vontade de sempre querer levar vantagem” (Elias Torres, 7 de setembro de 2021. Plataforma *Facebook*)”.

⁴ Conforme <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2022/11/24/golpistas-querem-deixar-de-usar-camisa-da-selecao-para-nao-serem-confundidos-com-torcedores.html>. Acesso em: 18.12.2022



Figura 4. Ano de copa, ano de eleições. Sede do Sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Torcedor em comício tomando ciência da decisão de Luiz Inacio Lula da Silva de se entregar à Polícia Federal do Paraná. 7 de abril de 2018. (Foto: Luiz Henrique de Toledo)



Figura 5. Ano de Copa, ano de eleições. Militantes abastecendo o acampamento do movimento dos automeados “patriotas”, instalado em frente ao Quartel General na parque Ipirapuera, sede do 2ª Região Militar, 2º Divisão do Exército, Comando Militar do Sudeste. Cidade de São Paulo, 29 de dezembro de 2022.

Em 2022, frações da direita bolsonarista, sobretudo setores militares influentes, se colocaram mais na direção de um discurso internacionalista e a esquerda se acantonou no nacionalismo. Nesse entremeio a adesão à Copa e aos signos da seleção brasileira foram esgarçados, disputados, reexperimentados.

Se a direita tradicionalmente interpelava frações do campo da esquerda com a pecha do antipatriótica porque internacionalista, afastando a importância do futebol no caldeirão do nacionalismo, agora o futebol e sua copa poderiam fragilizar ou dissuadir a militância de direita que se aglomerava em frente aos quartéis pedindo por “intervenção

federal”, movimento recrudescido no transcurso do certame da FIFA até os estertores do mandato de Jair Bolsonaro, que culminou em mais dois eventos quiasmáticos - a festa da posse de Luiz Inácio Lula da Silva e as invasões da militância bolsonarista aos palacetes de Brasília.

2.4 Sequestro e quiasma

O esquema simplista abaixo ilustra elementos que sugerem a circulação das teses do ópio do povo e do nacionalismo. Comparando as copas da ditadura dos anos 70 com o ano de 2022 tivemos um acréscimo de signos referentes. É preciso levar em consideração a leitura conjunta das setas de mesma cor associadas às datas correspondentes. O efeito advindo da imagem é de circulação e troca posicional simples, que pode ser tomada como representativa da dinâmica de sequestro de pautas que embasou algumas argumentações, tais como as de Guedes & Silva (2022).



A ubíqua falação torcedora levou a um amplo debate de *como* se deveria torcer para a seleção naquele contexto fortemente influenciado pela quentura da conjuntura política que se arrastou de 2018 a 2022, acentuada no segundo semestre de 2022.

O que não impede, portanto, que mesmo pessoas pouco afeitas a essa sensibilidade ideológica, autodeclaradas nem de direita, nem de esquerda, preservando sentimentos mais subjetivistas na condução de seu torcer, não tenham feito seus próprios cálculos e

avaliações morais e políticas de momento, diante da forte polarização que conduziu e arrebatou a conjuntura.

O ciclo inaugurado pelas eleições de 2018 estabeleceu uma situação limite que perdurou em 2022, recolocando as disputas ideológicas, que já se arrastavam ao menos desde 2016, no contexto do projeto de governo de Jair Bolsonaro alinhado à extrema direita, elevando a polarização e a divisão do país em torno das pautas de costumes. O torcer pela seleção, ao invés de arrefecer a motivação torcedora em alguns setores de esquerda se multiplicou em ofertas que, inclusive, alcançaram o mercado consumidor.



Figura 6. Segmentações de mercado visam atender diversos nichos torcedores diante da superexposta e politizada camisa amarela da seleção brasileira, que passou a vestir os corpos bolsonaristas.

Camisas vermelhas com o escudo da CBF e outras customizações coletivas e pessoais passaram a explicitar no campo torcedor alguns desses valores ideológicos em disputa. Esse movimento de compor, recompor e compor o *nacionalismo torcedor* aos “pedaços” percorreu o espectro ideológico, dialogando com pautas de costumes variadas que ganhou visibilidade numa sucessão de eventos deflagrados entre 2022 e início de 2023.



Figura 7. Torcedor em manifestação na av. Paulista, cidade de São Paulo, em desagravo à invasão e depredação do patrimônio arquitetônico da praça dos três poderes em Brasília por levas bolsonaristas no dia 8 de janeiro de 2023. **Figura 8.** Vendedor aguardando clientes do candidato que sairia vencedor das eleições, tendo ao fundo uma barraquinha com souvenirs da Copa.

Similar a camisa “sequestrada” (Guedes & Silva, 2022), outro conhecido signo tradicionalmente esportivizado, a bandeira nacional também foi largamente disputada, percorrendo o espectro ideológico expressivamente polarizado em trocas quiasmáticas de informações.



Figura 9. À esquerda e acima casa no bairro Jd. Rizzo, região do Butantã, zona oeste, cidade de São Paulo, imagem colhida em 6 de dezembro de 2022. **Figura 10.** À direita portão de propriedade privada no bairro do Morumbi, zona oeste, cidade de São Paulo, imagem colhida em 24 de dezembro de 2022. **Figura 11.** Abaixo, habitação de *homeless* em praça da Vila Leopoldina, zona oeste, cidade de São Paulo, imagem colhida em 23 de dezembro de 2022. (Fotos: Luiz Henrique de Toledo)

Tudo isso indica, para efeitos de cálculos torcedores, que a questão não foi simplesmente torcer ou não torcer, aderir ou não à seleção. Aquiescer ou não ante o sequestro de um símbolo nacional em movimentação no campo ideológico e no campo torcedor aproximou, no sentido de uma disputa imagética, cada vez mais as posições contrárias no sentido da formação dos quiasmas. Lembrando que quiasmas aproximam e distanciam elementos simbólicos (palavras, imagens, objetos) sem levar a qualquer tipo de consenso ou soma zero. Sendo o quiasma um tipo de paralelismo que se distingue pela posição cruzada dos elementos coordenados que frequentemente “expressam unos

conceptos antitéticos”. Los elementos cruzados pueden ser idénticos o distintos” (Spang, 1991, p. 147 *apud* Coimbra, 2007, p. 3 *apud* Daniel, 2017, p. 76).

2. Futebol sem Pelé⁵

Os funerais de Pelé participam daquilo que Lévi-Strauss já definiu por etnografia de domingo. Os funerais do ex-jogador tiveram início em 2 de janeiro de 2023 na cidade de Santos-SP. Recupero duas noções contíguas trabalhadas em Toledo (2019), *morte esportiva e esporte-nação*.

Posso afirmar que os argumentos daquele artigo giram em torno da seguinte pergunta: como, à luz de conjunturas políticas, mortes esportivas alimentam discursos históricos, romanescos ou míticos a respeito da nação? Na época buscou-se estabelecer diálogo com Guedes e Silva (2019), que trabalharam os contextos *quentes* do apeamento de Dilma Roussef da presidência, em 2016, e a contígua eleição presidencial de Jair Bolsonaro em 2018. Segundo os autores esse processo foi marcado pelo que definem por “sequestro do verde e amarelo” como signos da nação, dando conta das movimentações de setores de uma direita ideologicamente organizada e espetacularizada nas ruas.

No rol dos exemplos arrolados em Toledo (2019) sobre mortes “reais” e alegóricas, discuti esse tema da nação repactuada e dividida. Agora podemos incluir o evento do funeral de Pelé como mais um índice a exprimir aquilo que defino por crise do futebol, ou melhor, de um determinado futebol e seus símbolos dominantes como esporte-nação.

Tanto na crônica, na literatura quanto em boa parte da produção acadêmica é possível afirmar que a icônica figura de Pelé tenha sido aquela que mais encarnou, por um período significativo, as imagens do futebol como esporte-nação. Incensada por cronistas da envergadura de Nelson Rodrigues e outros mais, bem como arrebatada por problemáticas que mobilizaram teorias sociológicas, tais como a noção de drama social (Turner, 2008[1974]), a figura de Pelé serviu de imagem que amalgamou alegorias presentes nas inúmeras conceituações de jogo e esporte, futebol-arte, destino, ideologia, identidade e nacionalismo. Termos não necessariamente intercambiáveis ou solidários,

⁵ Esse texto integra o ensaio “Corpo inerte, público silente: futebol sem Pelé”, *Fotocronografias*, dossiê Miscelâneas, 2024, no prelo.

mas que estimularam todo um campo de estudos antropológicos sobre o futebol como objeto das ciências humanas (DaMatta *et ali*, 1982; Toledo, 2023b).

As crises de representação política em torno de noções como identidade e nacionalismo emuladas a partir dos esportes, hegemonicamente centradas no futebol masculino e de espetáculo, parecem transversalizar boa parcela da história da vitalidade e fenecimento de um corpo negro como o de Pelé. Uma bibliografia se deteve nas representações de afirmação ou negação, dos “usos” e sentidos emprestados a esse corpo negro, para muitos, singular e paradigmático, que se colocou nas interfaces com o corpo político essencializado da nação⁶. Seu obituário elenca a figura do jogador, garoto propaganda, ator, cantor amador, investidor, empresário, embaixador honorário de causas sociais, ministro dos esportes. Já seu corpo trasladou por décadas nas várias esferas da vida sensível tanto privada quanto pública. Espiado de vários pontos de vista flutuou de corpo popular a suporte de um consumerismo predador; de corpo esportivo a corpo estatal; de corpo velado pela invisibilidade fenotípica negra à visibilidade branca advinda do estrondoso sucesso. O fato é que o dom de Pelé foi paulatinamente se desagregando (Toledo, 2023) ao sabor de outros futebóis e Brasis depois que se aposentou dos gramados.

Os últimos momentos de aparição pública desse corpo negro, agora inerte e recolhido, arrastou em sua derradeira notoriedade as marcas de um país muito diverso daquele que o próprio Pelé em vida e atuando nos gramados pelo mundo ajudou a erigir. O processo de fragmentação do futebol masculino de espetáculo determinado pelos reveses aferíveis em campeonatos internacionais nas últimas décadas diante de um mercado competitivo tem estimulado um divórcio entre seleção e povo, promovendo alguma relativização da suposta hegemônica modalidade como esporte-nação.



Figuras 12 e 13. Imagem consentida de torcedora a caminho dos funerais de Pelé. Rodoviária do Jabaquara, zona sul da cidade de São Paulo, 2 de janeiro de 2023. A camisa é vermelha, mas Neymar, conhecido apoiador de Bolsonaro, tem seu nome presente. (Foto: Luiz Henrique de Toledo)

⁶ Toledo (2004;2021), Silva (2008), Souza (2018), Lourenço Filho (2023).



Figura 14. A multidão circulante se misturou à iconografia urbana do velório composta por imagens fáticas de Pelé jogando. Estabeleceu-se ali uma “comunhão fática” (Malinowski *apud* Santos; Vinhas, 2024) entre ritual funerário, a linguagem intermitente dos silêncios vindos das casas e muros da Vila Belmiro revestidos com as icônicas imagens do ídolo. (Foto: Luiz Henrique de Toledo)

A crise aberta por um nacionalismo dualista, incensado na última década por disputas políticas, ideológicas e modos de existência confirmam as imagens desse Brasil contemporâneo. De certo modo, o velório se prestou a imagem fugidia e antípoda de país a partir da performance silenciosa, mas não menos expressiva da população que para lá se dirigiu numa última homenagem ao corpo do atleta acomodado no meio do gramado da Vila Belmiro.

E longe da chancela pomposa, midiática e apelativa que frequenta essas ocasiões de desaparecimento de personalidades públicas o que se viu na dinâmica do velório de Pelé foi um Brasil bem menos espetacular. Espaço de ausência das personalidades que o acompanharam dentro e fora dos gramados, espalhadas pelo universo dos esportes, das artes e da política, praticamente a exceção mais notória ficou por conta da presença do então recém-empossado presidente Luiz Ignácio Lula da Silva, que numa agenda apertada confirmaria presença cumprindo o protocolo de chefe de Estado.

Esse abandono não desprezível de frações das elites (sobretudo a esportiva), subestimando o velório de Pelé, deixou seu corpo praticamente entregue à população

silente na condução das homenagens daquela gente oriunda sobretudo da baixada santista, que engrossou o contingente de 220 mil pessoas que por lá passaram. A estética denominada de futebol-arte, combustível técnico e estético do esporte-nação, somada à poética política de um nacionalismo que se encontra fragmentado, bloquearam qualquer efervescência coletiva, e um anti-drama se impôs ao longo daquele dia. Se Pelé nasceu para o futebol a partir de imagens não tão consensuais, tal como uma historiografia atenta parece recuperar (Lourenço Filho, 2023), ao menos sua morte o devolveria ao livre torcer e gratidão dos anônimos torcedores num gesto de reciprocidade incontestado.

Referências

- Antunes**, Fátima Martins Rodrigues. 2004. *‘Com brasileiro não há quem possa’*: crônicas de futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora da Unesp.
- Archetti**, Eduardo P. 2003. *Maculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia.
- DaMatta**, Roberto. “Esporte a sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. DaMatta, Roberto; Guedes, Simoni; Vogel, Arno & Flores, Luiz Felipe Baêta Neves. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro: edições Pinakotheke, 1982.
- Daniel**, Laene Mucci. “A figura de retórica Quiasma aplicada à argumentação visual”. *Revista Tabuleiro de Letras*, PPGEL – Salvador, Vol.: 11; nº. 01, pp 69-85, 2017.
- Florenzano**, José Paulo. 1998. Afonsinho e Edmundo, *A rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa.
- Florenzano**, José Paulo. 2019. A República dos torcedores. In Buarque de Hollanda, Bernardo; Florenzano, José Paulo (Orgs). *Territórios do torcer*. São Paulo: EDUC.
- Guedes**, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: Guedes, Simoni, Gastaldo, Edison (org.). *Nações em campo. Copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- Guedes**, Simoni; Silva, Edilson Marcio Almeida. “O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais”. *Cuadernos de Aletheia*, [S. l.], n. 3, mar. 2019.
- Guedes**, Simoni Lahud; **Silva**, Edilson Márcio Almeida. 2022. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. In Leda Costa; Ronaldo Helal (Orgs.). *Esporte e Sociedade. A contribuição de Simoni Guedes*. Curitiba: Apris.
- Hollanda**, Bernardo Borges Buarque de. 2004. *O descobrimento do futebol. Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional.

Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. 2010. *O clube como vontade e representação. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letas/Faperj.

Leite Lopes, José Sergio. @@@@ 1994

Lourenço Filho, Fernando José. *Tornar-se Pelé: a ascensão de um jovem jogador negro no futebol brasileiro*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH-USP, 2023.

Marques, José Carlos. 2012. *O futebol em Nelson Rodrigues. O óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ.

Rufino dos Santos, Joel. 1978. “Na CBD até papagaio bate continência”. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, no 5, nov.

Silva, Ana Paula. *Pelé e o complexo de vira-latas: Discurso sobre raça e modernidade no Brasil*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, IFCS-UFRJ, 2008.

Souza, Denaldo Alchorne de. *Pra frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950-1983)*. São Paulo: Intermeios, 2018.

Toledo, Luiz Henrique de. “Pelé: Os mil corpos do rei”. In: Garganta, Júlio; Oliveira, José & Murad, Mauricio (Orgs.). *Futebol de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto, Campo das Letras/Universidade do Porto, 2004.

Toledo, Luiz Henrique de. “Mortes esportivas e alegorias políticas. Etnografando temores em torno dos esportes-nação”. *Anuário Antropológico*, vol. 44, n.1, pp 253-284, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.3519>.

Toledo, Luiz Henrique de. “O dom de jogar e o torcer sem dom. extensões de uma categoria no contexto do futebol”. *Revista de Antropologia*, vol. 66, pp 1-25, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.204066>.

Wagner, Roy. “O xadrez do parentesco e o parentesco do xadrez”. *Ilha*, 12(1), pp 15-37, 2011.

Tarde, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003[1893]).

Toledo, Luiz Henrique de. “Universos em emoção: a propósito de uma exposição de arte, seu catálogo e a coletânea de estudos socioantropológicos sobre futebol”. *Mana*, 29(3), pp 1-34, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442023v29n3e20230309.pt>

Turner, Victor. *Dramas, campos e metáforas. A ação simbólica na sociedade humana*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008[1974].

Valentini, Luísa. Nos “arredores” e na “capital”: as pesquisas da Sociedade de Etnografia e Folclore (1937-1939). *Ponto Urbe*, 5, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1355>. Acesso em: 14.03.2023.

Viveiros de Castro, Eduardo B. 2018. A Antropologia perspectivista e o método da equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 5 (10): 247-264.